

PAULO, O COMUNICADOR DA PALAVRA DE DEUS

Domingos Zamagna

Resumo

Partindo da lembrança da experiência de Frei Gilberto Gorgulho de pregar o evangelho na televisão, em ambiente urbano (paulista), procura-se discernir alguns critérios usados pelo apóstolo Paulo na evangelização das grandes cidades do Mediterrâneo. O artigo visa estimular a reflexão sobre em que consiste, segundo a experiência de Paulo, pregar o evangelho de Jesus Cristo numa cidade.

Palavras-chave: *Evangelização urbana. Metodologia pastoral. Pregação paulina.*

Abstract

Based on the memory of the experience of Friar Gilberto Gorgulho preaching the gospel on Television, in an urban (Paulist) environment, we seek to discern criterion used by the apostle Paul in the evangelization of the large cities of the Mediterranean. The article seeks to stimulate a reflection, according the experience of Paul, about what preaching the gospel of Jesus Christ in the City consists in.

Keywords: *Urban evangelization. Pastoral methodology. Pauline preaching.*

Devem ser poucos os que se recordarão que Frei Gilberto Gorgulho manteve um programa de TV nos anos 70, em finais de tardes alternadas na TV Record, em São Paulo. Não passava de cinco minutos e para quem conhece TV sabe o que são cinco minutos, ainda mais sem contar com recursos de produção. O fato é que ele meditava muito sobre os problemas da cidade e procurava levar aos telespectadores uma palavra iluminadora, que trouxesse um alimento espiritual depois de um dia estafante de trabalhos, sobretudo se nos recordarmos que o país vivia sob ditadura. Nunca foi fácil ser cristão, e ser cristão sob ditadura é mais difícil ainda, como podemos constatar até hoje, nessas terríveis regiões do Oriente

Médio, da Ásia e da África em que a profissão de fé em Jesus Cristo coloca em risco a vida das pessoas e das comunidades. Não foi à toa que o programa recebeu um significativo nome: “Esta cidade tem alma”. O desafio do frade pregador era desentranhar os sinais esperançosos da vida sofrida dos trabalhadores, tal como fez Paulo vivendo e viajando entre tantas cidades do Mediterrâneo.

De fato, Frei Gorgulho costumava se inspirar na teologia de São Paulo, que ele estudava continuamente, sempre agradecido ao seu mestre das cartas paulinas na École Biblique et d'Archéologie Française de Jérusalem, seu grande amigo o Pe. Pierre Benoît, OP (1906-1987).

Paulo, evangelizador urbano

A nossa Igreja é multifacetada. Nela há espaço, moradas, abrigo para todos os carismas, carismas que o Espírito Santo suscita no decorrer da história, a serviço da salvação dos homens.

Mas a nossa obra evangelizadora não é improvisada. Não deve ser burocratizada, mas nem por isso deve deixar de ser organizada, precisa dos recursos da racionalidade, deve ter eficácia, mordência; tudo, porém, animado pelo espírito evangélico, pela graça de Deus, que não tolhe a natureza, mas que a aperfeiçoa.

A obra de evangelização deve ser acompanhada do exemplo; na linguagem teológica, dizemos que deve ser acompanhada pelo testemunho. Para isso, cada comunidade adota um estilo de vida diferente, mas é fundamental que ele seja condizente com a pregação do Evangelho, que seja capaz de alimentá-la, produzir esperança.

Noutras palavras: dependendo do estilo de vida adotado, nossa pregação pode ou não corroborar a pregação do Evangelho. Dependendo do nosso estilo de vida, podemos até invalidar a pregação do Evangelho.

Jesus Cristo também precisou fazer essa escolha. Dentre os possíveis estilos de vida que ele poderia adotar, escolheu alguns, ele se configurou com alguns estilos de vida, e simplesmente abandonou outros.

Melhor dizendo: nem todos os estilos de vida lhe eram possíveis. Por exemplo, o estilo de vida sacerdotal. Pelo simples fato de nascer na tribo de Judá, o estilo de vida sacerdotal não poderia ser objeto de escolha, pois esse era um atributo da tribo de Levi. Do ponto de vista da história Jesus foi leigo (será sacerdote, conforme ensina a Carta aos Hebreus, mas numa outra perspectiva).

Jesus se aproximou de outros estilos de vida: o estilo de vida profético, o estilo de vida sapiencial (foi mestre e formou grupo de discípulos), mas, sobretudo, se aproximou do estilo de vida do arauto (o *kéryx*, o comunicador das notícias, com suas características: juventude, coragem, fidelidade, a necessidade de ter – ou assumir – essa vocação, pois ela comportava um destino de recompensa

ou castigo, no sentido que o arauto recebia o prêmio ou castigo de acordo com a natureza da notícia transmitida, o que podia comportar até mesmo a morte). A glória do arauto era “cumprir a sua missão”, que o grego chama de *drómos*, às vezes traduzido por “carreira”. Tanto Jesus como Paulo assumiram essa missão, adotaram o estilo de vida *querigmático*.

Para isso Paulo, que teve a formação para ser um bom rabino, com boas perspectivas de “carreira privilegiada”, abandonou todo tipo de segurança e adotou a busca de outra “carreira”, a de pregador itinerante, de comunicador da Palavra de Deus.

Duas consequências imediatas:

1) Saber comunicar, usar a linguagem inteligível para os seus interlocutores. Como se destinou à pregação entre os gentios, precisou elaborar a doutrina cristã (forjada em ambiente asiático, em linguagem judeu-aramaica) e transpô-la para as categorias do mundo greco-romano. Daí surgiram suas grandes sínteses teológicas, apresentando o Cristo como *Sabedoria de Deus*, como *Nova Criatura*, como *Kyrios*, como *Pléroma*; apresentando o Cristo em linguagens adequadas de acordo com os públicos que encontrava (assim aos *judeus* de Antioquia da Pisídia; aos *adeptos da religiosidade popular* na Licaônia; aos *gregos* de Atenas; aos líderes cristãos=*presbíteros* de Éfeso, em Mileto; às *autoridades* em diversas circunstâncias, por exemplo, diante do governador Félix, ou diante do rei Agripa.

2) Saber ouvir, aplicando-se à escuta dos diversos interlocutores. Paulo percorreu vastas regiões do Mediterrâneo ouvindo as comunidades, colhendo delas os seus anseios, mergulhando profundamente no que elas tinham como aspiração. E foi aí que percebeu o quanto as pessoas e as comunidades alimentavam o desejo difuso de mudança, transformação, um novo mundo que lhes aplacasse a sede de vida nova, de uma verdadeira justiça que lhes era negada pela lei judaica, pela lei grega, pela lei romana.

- Até onde pôde, comunicou *pessoalmente* a Palavra libertadora de Jesus Cristo;
- Aonde não pôde ir pessoalmente enviou *colaboradores* por ele instruídos para prosseguir o trabalho de comunicação da Palavra;
- Aonde não pôde ir pessoalmente ou por intermédio de seus colaboradores, enviou *bilhetes, cartas, epístolas*, nas quais disserta, em muitas delas com altíssimo nível de desenvolvimento teológico, sobre os mistérios de Deus. E sabia que as cartas ainda poderiam ser lidas por várias comunidades, aumentando o seu efeito irradiador (cf. Cl 4,16).

Mas uma coisa era bem clara para ele: ninguém, nenhum povo, nenhum idioma deveria ficar sem receber a Palavra que Jesus mandou anunciar. Paulo foi

um fiel cumpridor da busca da universalidade da fé cristã. E em cada viagem, em cada pregação, em cada contato procurou unir a pregação e o testemunho, unindo o conteúdo do que ensinava com a experiência de sua vida.

Esta é a característica do arauto, comunicador da boa notícia: a identificação da sua vida com a sua carreira. Tanto que pôde dizer, no final da vida: “Combati o bom combate, *cumpri a minha carreira*, guardei a fé” (2Tm 4,7). A identificação com a mensagem faz com que ele rompa todas as barreiras que se interpõem entre o arauto e a transmissão da boa notícia: “Com os judeus, comportei-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à lei, comportei-me como se estivesse sujeito à lei – embora eu não estivesse sujeito à lei (...); com os fracos, como fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo” (1Cor 9,22).

A identificação deste arauto com a boa notícia, aquela de quem todo homem precisa para ser salvo, foi de tal natureza que ele conclui, numa carta de maturidade: “Anunciar o Evangelho para mim não é título de glória; pelo contrário, é uma verdade que me foi imposta. Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16).

Metodologia apostólica paulina

Gostaríamos agora de sugerir esquematicamente, com exemplificações, como o apóstolo Paulo procedia concretamente quando se punha a comunicar a Palavra de Deus. A leitura dos Atos dos Apóstolos pode nos sugerir qual foi o itinerário, ou a metodologia do apóstolo para cumprir a sua “carreira”.

Premissa: Paulo se servia dos procedimentos mais adequados, tanto do ponto de vista da estratégia de seus deslocamentos quanto na utilização dos recursos humanos. Exemplo: como era natural da Ásia Menor, podia se sentir à vontade nessa região, mas para evangelizar Chipre levou Barnabé, que era cipriota; serviu-se das estradas que interligavam as províncias do império, ou dos itinerários marítimos usuais, explorando as regiões mais densamente povoadas, os centros urbanos de difusão da economia e da cultura (isso tinha vantagens e desvantagens; no caso de desvantagem, por exemplo, o desconhecimento da real situação da escravidão nas regiões de mineração).

- 1) Paulo sempre preferiu o trabalho em comunidade, organizando caravanas missionárias com alguns companheiros.
- 2) Paulo se dirigia inicialmente aos judeus, procurava identificar as sinagogas ou os locais frequentados pelos judeus. Às vezes tinha sucesso, outras vezes fracassava, ou pela indiferença ou pela hostilidade de seus concidadãos; pregando aos judeus podia se servir da mediação das Escrituras (as Escrituras eram o critério de “verificação”, como se pode ver na evangelização da Bereia – cf. At 17,11).

- 3) Dirigia-se então aos pagãos, e neste caso a linguagem era outra, como se pode ver tão bem na pregação no areópago de Atenas (cf. At 17,21-31).
- 4) Procurava retornar aos locais por ele evangelizados, para confirmar as comunidades, tratando de colocá-las em contato umas com as outras.
- 5) Não deixava as comunidades entregues à própria sorte. Sempre procurou dotá-las de lideranças que assegurassem a continuidade do trabalho. Assim começam a nascer os diversos ministérios (cf. At 14,23).
- 6) Buscava manter a unidade entre as comunidades; a *unidade* da comunidade e a *integridade* do Evangelho e, quando preciso, até mesmo intervindo com sua autoridade pastoral para dissipar erros, coibir abusos, combater falsos evangelizadores. A preocupação da unidade eclesial o levou a manter unidade com a Igreja-Mãe de Jerusalém, o que chegou a ser expresso inclusive com uma coleta para amenizar a carestia entre os irmãos; a busca da unidade levou Paulo ao encontro com os demais apóstolos para tratar de questões substanciais da vida da Igreja, cujo melhor exemplo é a sua participação na assembleia de Jerusalém (cf. At 15).
- 7) Quando não podia reencontrar as comunidades, enviava-lhes mensagens escritas, servindo-se com maestria dos diversos gêneros literários.
- 8) Procurava não ser pesado a nenhuma comunidade, valendo-se para isso, quando as circunstâncias o permitiam, do trabalho manual com o qual podia se sustentar (o que deu margem a críticas de fundamentalistas, que interpretavam recomendações de Jesus como se fossem proibição de trabalhar).

Um dos melhores exemplos para se fazer um exercício de leitura do procedimento de Paulo na evangelização de um grande núcleo urbano é a evangelização de Filipos (Macedônia), em At 16,9-40. Um texto bastante abrangente, quando Paulo e Silas evangelizam uma mulher estrangeira abastada (Lídia), uma jovem escrava explorada pelos seus proprietários e um carcereiro, cada elemento do enredo significando, para além de suas singularidades, uma categoria de pessoas.

Mais importante que tudo, na metodologia de Paulo, não era se aproximar dos poderosos locais e com eles tentar um pacto mediante pressões religiosas, como tanta vez se fez em tempos de cristandade. Paulo identificava os marginalizados, deles se aproximava, expunha-lhes o evangelho do Salvador, dava seu testemunho pessoal e, no seio das cidades – com suas ambiguidades, seus aspectos negativos, mas também com suas oportunidades pastorais. Procurava criar *oikíai*, isto é, “casas” (ex. At 16,31.32,33.34), comunidades que aceitavam acolher uma notícia feliz da parte do Pai, ser julgadas e transformadas pela força do Espírito,

praticar a entreatada, identificar-se com o próprio Jesus pela prática do amor fraterno e, alimentando-se com o banquete eucarístico que o próprio Senhor deixou à sua Igreja, pôr-se em atitude de missão.

Foi desta forma, singela, mas percuciente e criativa, que a Palavra de Deus foi proclamada, para cumprir o mandato do Senhor Ressuscitado (cf. Mt 28,19-20), pelo apóstolo Paulo e suas caravanas missionárias, e é o que a Igreja procura fazer até hoje: criar “casas”, espaços de vida comunitária e fraterna, para transformar evangelicamente o mundo, a partir do coração das cidades.

Domingos Zamagna
dzamagna@usp.br